

ALOCUÇÃO DE D. ARMANDO NO FINAL DA CELEBRAÇÃO

*Cantai ao Senhor, porque Ele fez maravilhas,
anunciai-as em toda a terra.*

Isto cantámos no Salmo com o texto de Isaías e quero continuar a cantá-lo convosco hoje e para sempre. Exultai de alegria e cantai!

Está tudo dito ao Senhor e Deus que move a minha vida, nas mãos da Igreja a quem disse "SIM QUERO" e onde estão claros os destinatários prioritários da minha missão de anunciador do Evangelho, em unidade com a ordem dos bispos: os clérigos e consagrados, os pobres, os deslocados e as ovelhas perdidas. Incluo os doentes a quem saúdo especialmente.

Muita paz e alegria para todos, do mais pequenino ao mais velho.

1. Saudação e agradecimentos

Esta mesma alegria peço para o Sr. Núncio Apostólico, D. Rino Passigato, Sua Excelência Reverendíssima, a quem saúdo fraternalmente e agradeço a presença e todo o apoio que me deu nestes dias. Peço ainda que agradeça a Sua Santidade, o Papa Francisco, a confiança que depositou em mim ao chamar-me para fazer parte do Colégio dos Apóstolos. Saúdo o Sr. Cardeal Dom António Marto, Sua Eminência Reverendíssima, meu bispo por dois anos, mas nunca apagado do coração. Agradeço ao Sr. D. António Luciano, Ordenante Principal e bispo desta que será sempre a minha amada diocese de Viseu, bem como ao Sr. D. Manuel Linda e ao Sr. D. Ilídio Leandro, também ordenantes nesta Celebração. Se ao D. Ilídio agradeço o privilégio que me deu de o poder acompanhar mais de perto nestes últimos anos, cuja amizade sei

que será eterna e de cuja humildade tanto aprendi, ao Sr. D. Manuel Linda, o já meu bispo titular, deixo a certeza da minha unidade, o meu empenho em deixar que Deus faça o melhor também através de mim, para bem da Diocese do Porto e dos homens e mulheres que ali vivem. Agradeço-lhe a confiança que me tem manifestado e agradeço-lhe a ajuda e até correção fraterna que, em qualquer momento, me entenda fazer... para meu bem e bem da Igreja. Saúdo o Sr. D. Pio e Sr. D. António Augusto e o Sr. D. António Taipa, agora mais liberto, meus companheiros desse que será o meu "laboratório de vida em Cristo como Bispo, o mini Colégio de Apóstolos, sinal visível da universalidade e unidade da Igreja e do grande Colégio Episcopal". Prometo empenhar-me com a fidelidade pessoal e ministerial, na vida e na missão.

Saúdo o Sr. Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, excelência reverendíssima e todos os meus irmãos no Episcopado, presentes física ou espiritualmente.

Saúdo esta minha bela cidade de Viseu com todas as suas expressões. Agradeço a presença do Sr. Dr. Almeida Henriques, Presidente do Município de Viseu, a quem agradeço o apoio neste dia e os membros da sua equipa, o Sr. Presidente da Assembleia e todos os autarcas dos concelhos e freguesias por onde passei: S. Martinho, Gafanhão, Covas do Rio e Reriz, Torredeita, Boa Aldeia, Farminhão e Caparrosa, S. Salvador e Repeses e, finalmente, Viseu, Rio de Loba e Viso e também de Oleiros, minha terra Natal, além de representantes de outras localidades. Não sois apenas autarcas, sois amigos e a vossa presença dá mais cor a este dia. Obrigado e que Deus vos abençoe assim como o trabalho que realizais.

Saúdo todas as demais autoridades académicas, militares e civis, aqui igualmente presentes.

Saúdo na pessoa do Deão, Cónego Manuel Matos, todo o cabido desta catedral de Viseu; agradeço à Comissão

Coordenadora da minha Ordenação, na pessoa do Con. António Jorge e ao Grupo Coral de S. Teotónio que tornou esta Liturgia tão solene, na pessoa do Sr. Cónego Jorge Seixas e do regente, o amigo António Mário Rodrigues.

Saúdo todos os sacerdotes, diáconos, leigos, religiosos e demais consagrados. E, pelo lugar especial que têm no meu coração, as crianças e todos os jovens, neste tempo especial do pós Sínodo dos bispos, que colocou bispos e jovens a “caminhar juntos”!

Saúdo e agradeço ao Presbitério de Viseu, a minha família de origem e que nunca esquecerei, os que foram “meus Bispos” desde o Sr. D. José Pedro que me ordenou, as famílias, os leigos e consagrados, aos membros de Movimentos e novas Comunidades e a todo o Povo de Deus desta Diocese. Obrigado pelo que recebi de todos vós, desde os professores da escola aos seminários, às estruturas diocesanas ou paroquiais, às equipas sacerdotais ou de pastoral, às instituições oficiais com quem lidei e às escolas onde lecionei: C+S de S. Pedro do Sul, Emídio navarro e Profissional de Torredeita. Na diocese, fizemos caminho juntos, fazendo acontecer o Sínodo Diocesano, para continuarmos nessa escola de “sinodalidade” e em busca de novos rumos de evangelização, na linha do que o Papa tanto espera: “que toda a comunidade cristã entre numa nova era da evangelização”.

Saúdo o Presbitério do Porto, aqui presente em grande número. A vossa presença dá-me alento e faz-me já sentir em família que me empenharei em fomentar. Hoje são palavras fáceis, amanhã provas... contem comigo, como espero contar convosco. Em ano dedicado à Missão, quero ser discípulo convosco para fazermos do Evangelho a causa de alegria para nós e para todos os homens e lugares onde a missão nos levar. Guardo na minha história alguns tesouros de pessoas da Diocese do Porto. Rezo por todos os bispos do Porto, nomeadamente os eméritos. Lembro D.

António Ferreira Gomes, marco inquestionável da história recente da Igreja em Portugal. A dois deles peço a proteção especial lá do céu: a D. Manuel Martins que se estará a divertir ao ver-me aqui, agora! Conhecemo-nos em 1982, privámos várias vezes e falámos muitas.... Ensinou-me que o Reino se constrói com pequenos gestos, sinais de uma Igreja fraterna, amiga e solidária. O outro é D. António Francisco, amigos já desde as atividades na área social, ele em Lamego e eu em Viseu, alguém fidelíssimo a Deus e aos homens. Conhecidos uma vez, nunca mais nos esquecia, porque nos guardava no coração, condimentando a relação com o afeto! Sinal, para mim, de uma Igreja mãe, onde a ternura e o amor têm lugar!

2. Percurso pessoal de vida – uma palavra breve.

Ao pensar em alguns pontos do meu percurso, começo por lembrar duas pessoas fundamentais para o que sou: o “tio Manuel e a tia Rosa”, como carinhosamente lhes chamavam, pais de 11 filhos, dos quais sou o 8º. Imagino o meu pai a olhar para mim de lado, pensativo, contemplando o mistério que envolve o filho... e a minha mãe a dizer: “não sou merecedora”! Deram-me a vida, ensinaram-me o trabalho, a ter palavra, honra, respeito, disciplina e fé sem explicações: Fé e basta! Só me pediam: “filho, não nos envergonhes a cara”! Tentarei! Lá do céu, eles com os dois filhos já falecidos, o Ramiro e o Manuel, meu padrinho, estarão certamente também em Festa.

Saúdo toda a minha família de sangue, aqui presente. Tenho muito orgulho em todos vós, irmãos/irmãs, cunhados e cunhadas, sobrinhos e segundos sobrinhos. Somos muitos e por isso temos coração grande, onde sempre couberam milhares de amigos. Já era assim em nossa casa, quando miúdos. Amo-vos a todos e sempre amarei. Cada um com ritmos diferentes, mas família! Obrigado! Não sei se vos mereço!

Saúdo todos os meus outros familiares, muitos aqui presentes! Saúdo os meus conterrâneos de Oleiros que aqui estão em tão grande número, saúdo os meus amigos de infância e os que encontrei ao longo da vida, saúdo todos os paroquianos das paróquias por onde passei e, em particular, perdoar-me-ão, os da última, a paróquia de Nossa Senhora do Viso, donde acabei de sair. Estareis sempre no meu coração, onde Deus vos colocou nestes anos tão belos. Obrigado e, não esqueçam: uma “casa de família”, é, como a família, sempre inacabada, Igreja sempre em construção! Fomos e seremos meros andaimes! Quero dizer-vos que vos quero muito bem!

Tendo vindo para Viseu aos 10 anos, frequentei os 2 seminários e aqui fiquei como sacerdote, em várias tarefas, estando fora apenas os 2 anos e meio, como capelão Militar da Força Aérea. No meu percurso, para além da família, foram também decisivas outras experiências, que me ajudaram a centrar a vida e a unificá-la ... em tempos de crise e mudança profunda dos finais da década de 70, fui descobrindo que só Deus me podia saciar plenamente. E, em tempos de “civilização do amor” proclamada por S. Paulo VI, a minha vida encontrou na descoberta de “Deus Amor” um rumo novo. Acabei por ser padre, um dom de Deus e um caminho de grande felicidade e realização. Aprendi e caminhei com Movimentos que tanta força e beleza trazem à Igreja e à evangelização: CNE, Ação Católica, ENS, e saúdo tantos outros que mostram este “canteiro de belas flores” que é a Igreja na diversidade dos carismas, como diz o Papa: “capazes de uma evangelização mais mariana” e que manifestam a pluriforme riqueza da comunhão eclesial: Caminho Neo catecumenal, Comunidade CVX, Focolares, Renovamento carismático, Opus Dei, etc. A Igreja precisa de vós nos desafios da Nova Evangelização.

Era suposto serem “Palavras breves”!

3. Termino com algumas notas finais:

a. Sou já Bispo: acabo de ser Ungido, Sagrado! Não por privilégio ou mérito, mas por dom de Deus! Sem querer saber porque fui chamado, tento vislumbrar o “para quê?”! É com muita confiança que aceito esta missão. É como se Jesus, o único Bom Pastor, me sussurrasse: “acompanha-me”, até ao fim!

No decurso da Ordenação, fixei alguns pontos por onde procurarei “acompanhá-Lo”: pertença ao Colégio dos Apóstolos ou Colégio Episcopal - que bem soa e que serenidade me dá esta palavra “Colégio” ou “Grupo”- ... não estou só! Mais, é um convite a ir até ao fim, dando a vida se preciso for, pela unidade com o Papa Francisco, por este Corpo de Apóstolos e por todo o Povo de Deus. Procurarei “acompanhá-Lo” nas respostas “SIM QUERO” que pronunciei: anunciar o Evangelho, construir a Igreja que é Corpo, o Corpo de Cristo, “acompanhá-Lo” na bondade e amor aos pobres e deslocados e na busca pela ovelha perdida; “acompanhá-Lo” também, tornando verdadeiros os símbolos ou insígnias de bispo: o anel, sendo fiel, a mitra, sendo santo e o Báculo, sendo bom condutor, para que os irmãos sintam que são bem conduzidos para Cristo e O sigam! Porém, houve uma primeira entrega, sem a qual estes símbolos não terão sentido: os Evangelhos, essa alegria de Deus, Boa Notícia para mim presente em Palavra. “Acompanha-me” repete-me o senhor. Acompanhá-lo-ei!

b. Dizia a 2ª leitura:

Não vos inquieteis com coisa alguma; mas em todas as circunstâncias, apresentai os vossos pedidos diante de Deus, com orações, súplicas e ações de graças.

Não é possível hoje não estar humanamente inquieto. O Ministério Episcopal a que fui chamado é maior que as minhas forças. Mas, este meu “SIM” a Deus para servir Cristo nos irmãos é também de todos vós, caros amigos e amigas, crianças e jovens

que encontrei ao longo deste anos e que me ajudaram a ser melhor padre.

Recordo o dia da minha Ordenação Presbiteral, 3 de Janeiro de 1982, nesta mesma Catedral de Santa Maria de Viseu, uma mãe de 4 filhos escreveu o mais belo poema que lhe conheço e de que transcrevo as palavras finais:

“porquê tanta emoção? Porquê tanta lágrima incontida? Talvez... Porque Para uma mãe cristã, Seu mais belo sonho seria...	Ver um filho sacerdote!!! E o Armando É, também, Um pouquinho De meus filhos!!!
--	---

E a Igreja é isto, mesmo se não damos conta! Uma família onde o contrário do “eu” não é o “tu” mas o “nós”, como bem dizia o Papa há pouco tempo atrás. E quanto preciso e precisamos de uma certa “mística do nós” para evitar que alguém caminhe só (caminhe fora), alimente cisões desnecessárias, nos vejam como funcionários! Sois um pouco uns dos outros por nascimento!

c. Escolho como lema: “Eis a tua mãe” (Jo 19,26), Não tendo escolhido brasão, a Dina Figueiredo, uma artista amiga, a quem agradeço, fez-me uma proposta de símbolo que representa o Calvário, onde o BOM PASTOR nos conduz a todos e que, ali, dá a vida pelos seus, abrindo-lhes o Paraíso e guiando-os até ao Pai. Ao mesmo tempo, olha João, um bispo, e mostra-lhe o caminho seguro a percorrer: dizer a toda a humanidade: “eis a tua mãe”! O símbolo aparecerá no anel, na cruz e no báculo!

d. Ao longo da vida, jovens, mas também adultos, não católicos ou com a fé adormecida, fizeram-me refletir sobre a Igreja que somos ou mostramos ser... Geralmente, as suas duras críticas

faziam-me pensar. Para eles, alguns aqui presentes, vai uma palavra de agradecimento pelas dúvidas e até revolta que, no diálogo, me fizeram crescer e me purificaram. Quero dizer-vos que, também sobre vós, o Espírito Santo lança sementes de amor e bem! E, porque eu necessito de O escutar, tanto quanto necessito de oxigénio, leio o texto final do livro que tendes em mão, escrito em 1968 (Patriarca greco-ortodoxo de Antioquia, Ignatius IV Hazim, 1968) e que outros atribuem ao Patriarca Atenágoras:

Sem o Espírito Santo,
Deus está longe,
Cristo permanece no passado,
o Evangelho é letra morta,
a Igreja é uma simples
organização,
a autoridade é uma
dominação,
a missão é uma propaganda,
a culto é uma evocação e
a agir humano uma obra de
escravos.

Mas, no Espírito Santo,
o cosmos é enobrecido e
geme pela geração do Reino,
Cristo ressuscitado torna-se
presente,
o Evangelho torna-se força da
vida,
a Igreja significa comunhão
trinitária,
a autoridade transforma-se em
serviço que liberta,
a missão é um Pentecostes,
a liturgia é memorial e
antecipação,
a agir humano é divinizado.

Invoco o Espírito Santo e os seus dons para que me ilumine e entrego o meu Ministério Episcopal nas mãos da grande "especialista do Espírito Santo que com Ele falou em Nazaré e que reuniu e uniu o Colégio dos Apóstolos no dia de Pentecostes: Maria, a Mãe de Deus, a Mãe da Igreja, a Mãe da unidade, a minha mãe e Mãe de toda humanidade. Com Jesus e Maria, o espírito Santo me ensinará o que não sei. E me fortalecerá para, em cada momento da minha missão episcopal, mostrar e dizer a todos: "Eis a tua Mãe"! Que seja ela a fazer-nos caminhar por sendas de

esperança e por horizontes de nova humanidade, realizando a "civilização do amor"! Amen.